

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Opressor – oprimido: Um estudo sobre “As novas cartas portuguesas”

Gabriel da Cunha Pereira¹

RESUMO: Pensar a crítica feminista inserida no problema maior que se estabelece entre opressor e oprimido. Observar, a partir da leitura de “As novas cartas portuguesas”, a ambivalência, em uma mesma personagem, do opressor e do oprimido. Dessa forma, o estudo ultrapassa o problema da mulher e reflete sobre a luta de classes, a relação patrão-empregado, a exploração do homem pelo homem, pensado, portanto, sobre a ação de determinados mecanismos de poder.

Palavras-chave: opressor; oprimido; crítica feminista; “novas cartas portuguesas”.

Para o estudo sobre a crítica feminista que proponho, escolhi como objeto de estudo *As novas cartas portuguesas*, publicadas na década de 70, que fazem referência desde o título às cartas de Mariana Alcoforado, relacionando o convento onde Mariana escrevia a Chamilly com o cárcere, metáfora para a condição da mulher, prisioneira do modelo social imposto.

A escolha dessa obra se justifica porque nela se encontram questões ainda hoje polêmicas para a crítica feminista. A primeira delas refere-se ao comportamento social da mulher em uma relação homem-mulher ou mulher-homem: deverá a mulher jogar com armas masculinas, se pergunta Simone de Beauvoir em sua obra *A caminho da libertação* (1990, p. 455). Outro problema apontado pela intelectual é que:

“Ele [o homem] não se divide. Ao passo que à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a

¹ Doutorando em Letras pela UFJF



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar o sexo seria também uma mutilação". (BEAUVOIR, 1990, p. 452)

O conflito se arma, então, no momento em que, culturalmente, durante o ato sexual, a mulher se localiza numa posição subalterna, o que não acontece ao homem. Ser fêmea é ser presa, é admitir-se ser caçada e dominada. Compreendendo o ato sexual como não sendo um jogo em que os artifícios utilizados se encontram em paridade, a mulher que se quer soberana renuncia a uma necessidade física, já que ela não é, como muitas vezes se quer pensar, assexuada: "porque na sociedade, e por ela, assexuada é a mulher" (BARREMO, 1974, p. 102 a 108)

A segunda questão, seguindo o pensamento de Beauvoir, refere-se ao disfarce a que a mulher deve se submeter em favor de uma liberdade: "Ora, há ainda meios em que essa liberdade não lhe é concretamente reconhecida, arrisca-se, usando-a, a comprometer sua reputação, sua carreira, no mínimo, exigem dela uma hipocrisia que lhe pesa." (BEAUVOIR, 1990, p. 456).

E, se assim é, não se pode falar em liberdade. Sobre esses dois problemas específicos deter-se-á esse estudo, relacionando-os à obra de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velha da Costa. A posição das autoras é bastante interessante nesse aspecto. Pautando-se o trabalho sobre a relação OPRESSOR X OPRIMIDO, quer-se observar de que maneira o choque entre aquele que detém um tipo de poder – político, econômico ou social – e aquele que não o detém se conflitua.

Os anos 60 e 70 foram marcados por uma escrita feminina que enfatizava a diferença sexual, isto é, que tinha como temas a "cultura da mulher, a escrita feminina, a feminilidade etc" (LAURETIS, 1994, p. 106).

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Uma das limitações do conceito de diferença de gênero estava no fato da mulher ser vista como um arquétipo ou um discurso homogêneo, desconsiderando os contextos que a diferenciava, as suas diversas interações.

Era necessário, portanto, a elaboração de um sujeito (feminino) que incluísse as relações provenientes da sexualidade, como também aquelas engendradas pela raça e pela classe (LAURETIS, 1994, p. 208). Lauretis, em capítulo intitulado "Tecnologia do gênero", relembra Foucault ao afirmar que, assim como o intelectual francês "vê a sexualidade como uma "tecnologia sexual"" (LAURETIS, 1994, p. 208), o gênero, assim como ele propõe a respeito da sexualidade, pode ser visto como "o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais" por meio do desdobramento de "uma complexa tecnologia política" (LAURETIS, 1994, p. 208 apud FOUCAULT, 1980, p. 127).

Embora as *Novas cartas portuguesas* sejam publicadas em 1971, elas extrapolam a diferença de gênero. Apesar de tratarem de temas especificamente femininos, "nem sequer lavaste o chão – assim começou ele, e depois lhe exigiu a marmitta, "ah, cozestes batatas"" (BARRENO, 1974, p. 218-221), ou "como me envaideço de ti quando te vejo de avental a lavar a louça, a passar as minhas camisas, ou a preparar-me os petiscos que sabes eu apreciar" (BARREMO, 1974, p. 328-330), esses excertos são engendrados em um contexto amplo. Denuncia-se uma relação de poder entre oprimido e opressor que ultrapassa a questão da mulher:

A luta da mulher e a sua conscientização política passam, pois, pela instância da luta de classes como um todo. Daí que, nas *Novas cartas portuguesas*, várias das formas de opressão que não são tecidas apenas na relação homem-mulher se presentificam no discurso a fim de que, destacadas,



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

sejam fatores de emancipação do todo social, e não apenas da mulher (MINDLIN, 1989, p. 189)

O que torna essas cartas interessantes criticamente é que, em primeiro lugar, não são cartas escritas apenas por mulheres (apesar de o serem em sua maioria), mas também por homens. E dentre essas mulheres, coexistem vários contextos sociais: a mulher que escreve dentro de um convento; aquela que por falta de condição deixou a filha aos cuidados de uma outra mulher; a criança que deve fazer uma redação; a mulher que aguarda o marido retornar da guerra; a fictícia carta de Mariana Alcoforado a sua mãe ou a intelectual que escreve para um interlocutor homem.

O que se vê são, como quer Laetitia relendo Foucault, as várias relações produzidas por jogos distintos de poder, por estruturas diversas de relações sociais. É interessante, então, a partir de agora, mostrar algumas das relações mulher-homem que se estabelecem nas cartas, recuperando a primeira questão apontada por este estudo sobre quais armas a mulher deverá usar e qual o seu comportamento em uma relação sexual, ou seja, como assumir, sem se mutilar, sua sexualidade. E, desse modo, comprovar que os temas femininos abordados nessas cartas são transgredidos, o que resulta em uma intrincada relação de poder não apenas entre homem e mulher, mas entre oprimido e opressor.

As *Novas cartas portuguesas* incitam novas sublevações, almejam uma fuga do cárcere em que vivem não somente as mulheres, mas todas as classes oprimidas pela estrutura governamental vigente. Nesse sentido, a obra analisada não se detém, apenas, em lutar contra a repressão às mulheres, mas pelos oprimidos de maneira geral.



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Dentre as questões discutidas, a primeira que me interessa é justamente aquela sobre a liberdade da mulher em poder se comportar como fêmea, sem repudiar o sexo em favor de sua soberania:

[...] castigo sofro por me ter entregue: amante de homem por prazer; entrega nomeada de amor e de amor me haja perdido – diz Dona Brites.

Embora... de prazer me dei e conquistei, desafiando de aparência o mundo e a mim mesma nesse desafio de coragem, inconsciência ou grande tentação de fuga, a única desde sempre se me deparou. (BARRENO, 1974, p. 66 a 69, "Carta de Mariana Alcoforado a sua mãe")

Por toda a obra essa discussão é fortemente debatida e reafirmada, podendo constar numerosos exemplos em que o prazer pode e deve ser exercido pela mulher. Ele é visto nessas cartas como libertação, a duras penas (já que a mulher sofre, é castigada) da repressão cultural e essa percorre a literatura desde há muito tempo. Para isso, cito dois excertos da Terceira Carta IV:

[...] porque relação a dois, e não só no casamento, é mesmo base política do modelo de repressão; porque se mulher e homem se quiserem sós e nos seus sexos, logo isso é sabido como ataque à sociedade que só junta para dominar, e Abelardo é castrado, e Tristão nunca se junta a Isolda, e todos os mitos do amor dão-no como impedido porque temos de remontar o curso de dominação e desmontar suas circunstâncias históricas, para destruir suas raízes. (BARRENO, 1974, p. 102-108)

Sendo o ato sexual como um discurso inserido em uma cultura (aqui, a ocidental), então a personagem da carta argumenta que também o ato sexual funciona como discurso político na medida em que serve de instrumento para a reafirmação de uma ótica de dominação. E essa dominação aproxima-se com a do patrão em relação ao empregado,

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

porque, como quer mostrar a personagem, até mesmo em uma relação a dois, seja familiar ou não, deve-se seguir uma base econômica, funcional, em que cada um tem funções ou tarefas específicas para manter o que ela chama de uma boa “força de produção”: “Entendo, pois, que não basta pensar em relações de produção, sendo socialmente a mulher produtora de filhos e vendendo sua força de trabalho ao homem-patrão” (BARRENO, 1974, p. 102-108),

O segundo excerto já se aproxima do final dessa carta, em que a hipótese de um amor livre de preconceitos insurge como possibilidade *quase* utópica: “Chegará tempo de amor, em que dois se amem sem uso ou utilidade mútua se vejam e se procurem, mais prazer, prazer só, no dar e no receber?” (BARRENO, 1974, p. 102-108)

O corpo feminino será o instrumento e símbolo do despudor da mulher, englobando, de maneira geral, o conjunto de todas as suas novas atitudes. Seguirão, agora, algumas passagens da redação escrita pela personagem Maria Adélia intitulada *As tarefas* para se iniciar essa discussão:

É também tarefa da mulher ser professora, e mais coisas, como costureira, cabelereira, criada, enfermeira. Há também mulheres médicas, engenheiras, advogadas, etc., mas o meu pai diz que é melhor a gente não se fiar nelas que as mulheres forma feitas para a vida de casa, que é uma tarefa muito bonita e dá muito gosto ter tudo limpo e arrumado para quando chegar o nosso marido.

... e como uma das tarefas da mulher é obedecer ao homem...

[...]

... uma das tarefas da mulher é disfarçar... (BARRENO, 1974, p. 289-294)

A redação de Maria Adélia relata a opressão que o pai sofre pelo patrão e que, ao chegar em casa, exerce em sua mulher. Desse modo, no momento em que o homem se vinga, ele reafirma e confirma essa estrutura opressora. Da mesma forma que o homem aprende a se vingar

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

na mulher, parcela agora socialmente mais fraca, a filha é educada a seguir, quando adulta, esse modelo: “Que uma das tarefas das crianças é estarem de castigo, tal qual uma das tarefas das pessoas grandes é castigar as crianças por via que elas aprendam a gostar de castigar pessoas. [...] Que castigar é uma tarefa bastante usada e precisa para a vida.” (BARRENO, 1974, p. 289-294).

As Novas cartas portuguesas é uma obra que parte da denúncia para, a partir dela, transgredir o modelo social vigente. Observa-se, na leitura das cartas, a ambivalência, em uma mesma personagem, do opressor e do oprimido. Assim, da mesma maneira que se é oprimida em uma determinada estrutura de poder, noutra se oprime um terceiro. É o que se observa na redação de Maria Adélia: “A verdade é que isto não quer dizer nada, pois quando o meu pai vem bêbado e bate na minha mãe, grita: aqui eu é que sou o patrão. Ela cala-se e põe-se a chorar baixinho” (BARRENO, 1974, p. 289-294).

A mulher deve ser, portanto, obediente ao marido e zelosa do lar, disfarçando seus sentimentos se preciso, isto é, não se desnudando, não se deixando ver inteira. A nudez feminina, assim como seu corpo, pode ser vista como a metáfora de uma rebeldia feminina. No momento em que a mulher adquire um emprego, é capaz de se sustentar, de modo independente, ela se torna dona de si, de seu corpo, podendo, agora, se desnudar. A estrutura começa a mudar ou a querer mudar, como visto na carta *Texto sobre a solidão* (BARRENO, 1974, p. 218 a 221), em que a mulher se torna capaz de usar o seu corpo da maneira que lhe apraz, sem depender de relações morais ou sociais:

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Mônica ouvia os gemidos do homem cada vez que ia e vinha dentro de si.

Sentia o suor peganhento do homem e a flacidez da barriga que espasmodicamente se espalmava nas suas ancas e no seu ventre.

Então o nojo soltou-se, como uma mola; trepou avassalador, escaldante uma altíssima vaga a cose-se-lhe na garganta, concentrando-se aí num vômito que engoliu, entontecida, nauseada

[...]

O homem queria o terreno macio de sua carne... [...] Mônica esperou que ele adormecesse. Escutou-lhe o respirar, atenta, depois, lentamente, cuidando cada movimento, agarrou pela almofada, tapou-lhe a cara com toda a sua força desesperada apoiou-se nela defendeu-se dos convulsivos braços do homem; deitando-se-lhe sobre o corpo, as suas pernas detiveram as pernas que a tentavam derrubar e assim estiveram unidos até deixar de o sentir mover... (BARRENO, 1974, p. 230-233)

A personagem, como visto, não é uma Maria, mas Mônica, um novo tipo de mulher, capaz de modificar uma condição que há muito perdura. A mulher se liberta a partir do momento em que faz do seu corpo (ainda que isso não seja fácil) artifício para a modificação de uma situação que se torna, desde o início da emancipação feminina, cada vez mais insustentável. Nas palavras de Mindlin, as "*Novas cartas portuguesas*, ao radicalizarem o discurso de opressão estilizada no convento, acabam por consubstanciar, metonimicamente, o elemento *corpo* como possibilidade de construção de liberdade (...)" (MINDLIN, 1989, p. 189).

O corpo feminino, ainda que mais frágil fisicamente que o do homem, ao ter coragem de se desnudar, foi capaz de, sagazmente, ludibriar o homem. A liberdade sexual torna-se, então, a forma de libertação da mulher, o meio pelo qual ela se mostrará livre dos padrões impostos pela sociedade.

Percebe-se, pois, a presença de dois tipos distintos de disfarce. O primeiro, como o de Maria Adélia, corrobora a opressão, já que a mulher é impedida, por esse artifício, de conquistar sua autonomia. Problema esse colocado já nos anos 40 por Simone de Beauvoir, quando afirma que a

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

mulher “tenta dissimular a si mesma sua dependência, o que é uma maneira de nela consentir” (BEAUVOIR, 1990, p. 478). O segundo disfarce, o de Mônica, é diferente, já que é a partir de um *aparente* subjugo ao homem que ela consegue escapar da opressão exercida por ele.

As Novas Cartas Portuguesas, denuncia, na relação homem-mulher, não apenas o fato de a mulher ser marginalizada, mas também o de o homem ser oprimido, o qual só tem, de propriamente seu, Maria, última oprimida, que não é repressora de ninguém: ... *a mulher é a última colônia do homem...* (BARRENO, 1974, p. 284 a 286). No livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, lê-se que:

Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão freqüentemente representam para os homens. (WOOLF, 1985, p. 48)

Em *Um teto todo seu*, a alusão é feita a Napoleão e Mussolini, homens que comandaram um Estado. Na redação de Maria Adélia, seu pai exerce a função de empregado, recebendo e cumprindo ordens. Sua casa é o único local em que se torna patrão, em que se engrandece.

O lar torna-se cárcere, *ninho*, em que a mulher é o filhote. Uma vez que ela não tem liberdade para ir além, deve ficar confinada e à disposição de seu marido, que chega em casa cansado por ter trabalhado para o sustento familiar. A mulher passa a rainha-do-lar e adquire o papel social de controlar a família.

O poeta, durante toda a canção, expõe à mulher as condições para que ela seja sua namorada, sua “*amada mais amada pra valer*”. Se os



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

braços são a força de trabalho do operariado, a mulher com eles fará o ninho de seu esposo. Vinicius de Moraes, em seus poemas e letras, “ensina”, muitas vezes, como *viver um grande amor*: “Há que fazer do corpo uma morada onde **clausure-se** a mulher amada e postar-se de fora com uma espada – para viver um grande amor.” (VINICIUS, 1991, p. 131, grifos meus)

A mulher deve ser protegida e o homem é o seu guardião. E será essa mulher inconstante, com dificuldades muitas vezes de opinar, de discernir, de escolher que, paradoxalmente, terá a função de educar os filhos. Segundo Virginia Woolf, “a maior de todas as liberações, é a liberdade de pensar nas coisas em si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? E aquele quadro, é belo ou não?” (WOOLF, 1985, p. 52)

O lar torna-se cárcere privado, como pode ser visto na carta abaixo, intitulado justamente de *O Cárcere*:

Andava entre as quatro paredes, que tinha bolhas de salitre e grandes manchas acastanhadas, arrastando os pés nas lajes. Percorria aquele chão ao longo do dia, sempre e sempre, e também com as mãos e com os joelhos, e o não levantar os pés era cansaço, mas mais esforço desnecessário num chão todo conhecido. (BARRENO, 1974, p. 218-221 – O cárcere)

Num outro momento, o marido é o próprio carcereiro: “- Tens isto que é nojo, nem sequer lavaste o chão” (BARRENO, 1974, p. 218-221).

A casa espelha o sistema industrial. A mulher tem a função de empregada, num regime quase escravocrata e o homem passa, então, a patrão numa indústria em que os filhos são os produtos quando, se educados corretamente, gerarão lucros para a empresa. A empregada deve cuidar para que os filhos cresçam saudáveis e propensos a dar uma vida melhor ao pai-patrão. A relação homem-mulher é desenvolvida nas

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Novas cartas portuguesas como mais um tipo de opressão econômico-social, em que o estrato frágil é sempre tiranizado.

As novas cartas portuguesas são mais do que uma crítica à opressão feminina, uma vez que refletem sobre a luta de classes, a relação patrão-empregado, a exploração do homem pelo homem, a incoerência da moral. A obra manifesta uma consciência política, sabe da necessidade de uma reforma, conhece a estrutura do sistema, percebe o quanto o oprimido o aceita e o utiliza, sempre que pode, em seu favor. Nos diálogos com a irmã Mariana, relaciona-se a casa ao convento, passando pelo cárcere. As cartas se estabelecem como o meio por que as três Marias se fazem ouvir:

A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura [...] a literatura feita por mulheres hoje se engaja num processo de reconstrução da categoria "mulher", enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino. (MINDLIN, 1989, p. 187-188)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRENO, Maria Isabel et alii. *Novas cartas portuguesas*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1974.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. 7 ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990. 2v. p.449-483

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org).

Tendências e impasses. O feminino como crítica da cultura. Rio de Janeiro : Rocco, 1994. p. 207-242.

MINDLIN, Dulce Maria Viana. *De Mariana às três Marias: as (novas) cartas portuguesas*.



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

In: Curso "A Fala da mulher na crise dos discursos" – Real Gabinete Português. Rio de Janeiro : 1989. (p. 185-194)

MORAES, Vinicius de. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985. p. 35-75.